

Raça e gênero no debate público sobre imigração na Itália

Fernanda Di Flora Garcia¹
João Carlos Soares Zuin²

Resumo: O debate público sobre a imigração na Itália tem sido marcado, desde a década de 1990, pela vinculação entre o racismo popular e o racismo institucional, assim como por expressões de sexismo e racismo de classe. As vozes que destoam do paradigma securitário em curso tem sido alvo constante de ataques tanto de movimentos sociais, quanto de partidos e expoentes políticos, ao passo que o alvo preferencial destes ataques tem sido as mulheres que ocupam cargos políticos proeminentes, como é o caso da Presidente da Câmara dos Deputados, Laura Boldrini, e da ex-Ministra da Integração, Cécile Kyenge. Também as mulheres migrantes, em especial as mulheres árabes e africanas, tem sido alvo de discursos e práticas xenófobas e racistas, articulados com a misoginia e o sexismo. O objetivo deste artigo é analisar, desde uma perspectiva interseccional, o modo pelo qual a posição social da mulher-especialmente da mulher migrante -é condicionada pela interação entre gênero, raça, classe e pertencimento nacional, apontando para a construção dos estereótipos sobre os sujeitos migrantes, isto é, dos corpos considerados perigosos no debate sobre imigração na Itália.

Palavras-chaves: mulheres migrantes; racismo; sexismo.

¹ Professora Adjunta do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Londrina (UEL) e pesquisadora de Pós-Doutorado pela mesma Universidade. Doutora em Sociologia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). E-mail: ferdiflora@uol.com.br.

² Professor Adjunto do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho (UNESP-Araraquara). Doutor em Sociologia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). E-mail: zuin@fclar.unesp.br

Introdução

Nem toda noite termina na aurora.
Stanislaw Jerzy Lec

O objetivo deste artigo é explicar o sentido e o significado das manifestações políticas vexatórias, sexistas e racistas efetuadas por lideranças do partido político italiano *Liga*³ contra mulheres imigrantes de origem árabe e africana e mulheres italianas envolvidas diretamente em ações políticas de acolhimento dos imigrantes e defesa da universalização dos direitos sociais e econômicos e dos direitos humanos fundamentais, especialmente Cécile Kyenge⁴ e Laura Boldrini⁵. As sucessivas manifestações racistas e sexistas efetuadas por membros do partido que hoje representa a principal força da nova direita e do populismo na Itália – tais como Roberto Calderoli (Senador da República) e Matteo Salvini (Secretário Geral da Liga e Eurodeputado), expressas em postagens, cartazes, panfletos e charges evidenciam a articulação entre o racismo popular e o racismo institucional e possibilitam uma ampla percepção do avançado processo de proliferação do populismo emotivo (HOCHSCHILD, 2016; ILLOUZ, 2017; DAL LAGO, 2017), das palavras de ódio (DE MAURO, 2017; ANTONELLI, 2017; SARACENO, 2017) e da política do medo (DAL LAGO, 2004, 2017; RIVERA, 2003, 2010; MASTROPAOLO, 2005; FERRAJOLI, 2009, 2011; BASSO, 2011).

A utilização da retórica sexista, racista, agressiva e vulgar nos discursos da Liga está presente desde 1989, quando o fundador do partido, Umberto Bossi, desenvolveu uma nova estratégia política baseada, por um lado, na ruptura do decoro e dos ritos da política tradicional e, por outro, na utilização da linguagem clara e simples, popular e dialetal, sarcástica e vulgar, hostil e agressiva contra os inimigos da Padânia⁶. No que toca ao sexismo presente na linguagem política da Liga, em inúmeras ocasiões o partido expressou – e expressa – um ideário machista baseado em uma pretensa virilidade defendida sob o *slogan* “*celodurismo*”, que evoca o estilo político

³ Partido que até o ano de 2017 utilizava o nome e o símbolo Liga Norte, mas teve sua simbologia alterada com o objetivo de modificar sua imagem vinculada a um partido eminentemente regionalista e obter consenso eleitoral ao nível nacional.

⁴ Deputada e Ministra das pastas da Integração e da Política Juvenil no Governo Letta nos anos de 2013 e 2014, atualmente Eurodeputada.

⁵ Alta Comissária para os Refugiados da Organização das Nações Unidas nos anos de 1998 e 2012, Deputada e Presidente da Câmara dos Deputados nos anos de 2013-2018, reeleita Deputada na eleição de 2018.

⁶ A Padânia nunca existiu histórica ou geograficamente, mas a Liga criou, desde sua fundação, uma narrativa histórica e geográfica para justificar suas reivindicações políticas e territoriais, tratando-se sobretudo de uma construção política voltada, inicialmente, para emancipar as regiões que compõem o norte da Itália e formar um novo país.

mussoliniano (RIVERA, 2009, p.247), a ênfase na ideia do líder potente e viril, utilizada por Umberto Bossi no slogan político “*La lega ce l’ha duro*”, uma retórica de dupla intencionalidade: 1) aquela que ressalta a suposta fraqueza de seus adversários políticos, corrompidos pela ideologia e pelo comportamento sexual das elites cosmopolitas e 2) a exposição da Liga como a única força e potência política que está à altura dos problemas do tempo presente e é capaz de solucioná-los. De acordo com a antropóloga Annamaria Rivera, a Liga transformou em linguagem política a “exibição genital”, que “revela quais são as pulsões que se agitam no ventre masculinista, racista e fascistóide” do país (idem). A Liga não manifesta apenas um racismo retórico, mas produz expedições punitivas, iniciativas políticas e legislativas, práticas administrativas locais e nacionais derivados dos modelos mais clássicos de discriminação e racismo institucional.

Na Itália republicana, até o advento da Liga, havia certo pudor em admitir que temáticas racistas, sexistas e homofóbicas típicas do período fascista fossem professadas ao nível institucional (BURGIO, 2010; POIDIMANI, 2009). Contudo, desde a sua aparição na cena política nacional, e especialmente diante do fato de que muitos de seus expoentes são provenientes da extrema direita fascista, como é o caso de Mario Borghezio, o cenário foi radicalmente alterado, promovendo paulatinamente a legitimação institucional do racismo e pavimentando o caminho para a emergência de partidos e movimentos que hoje defendem abertamente o legado de Mussolini, como é o caso do partido Casa Pound⁷. Assim, de Umberto Bossi até Matteo Salvini, a Liga manteve a linguagem política baseada no sexismo e no racismo, com a característica linguística e política da composição de frases simples, da redação elementar, do uso de palavras obscenas e vulgares, das ofensas pessoais sem limites aos políticos adversários transformados em inimigos.

Contudo, há um evidente salto de qualidade na forma como o atual líder da Liga aparece e efetua sua comunicação política: o permanente uso dos meios digitais, a contínua instrumentalização da linguagem simultaneamente emotiva e agressiva, a disseminada utilização de *emojis pops* e, sobretudo, a reafirmação diária da sua imagem através da técnica comunicativa da *storytelling* (SALMON, 2008). As novas formas de comunicação na era digital proporcionam ao líder da Liga a ampliação do espaço das

⁷Cujo dirigente, Alberto Palladino, recentemente afirmou que “no coração de todo italiano há um espacinho para o fascismo”. Cf. “*Partido de extrema direita rompe tabu do discurso do fascismo na Itália*”, Folha de São Paulo, 02\03\2018.

palavras de ódio que, uma vez postadas e, posteriormente, comentadas e repostadas pelos cidadãos-seguidores, alcançam uma disseminação sempre mais ampla e capilar na mentalidade e no comportamento das pessoas.

Nesse sentido, a escolha do estudo dos casos Kyenge e Boldrini se justifica pelos seguintes elementos fundamentais: 1) a Itália é o principal laboratório político da luta contra imigração, na qual foram introduzidas sucessivas reformas jurídicas que resultaram na lei n.94 de 15 de Julho de 2009 que criminalizou o imigrante sem documento e institucionalizou a figura do “imigrante ilegal” (FERRAJOLI, 2009, 2011), 2) a Itália, desde a década de 1990, é o principal laboratório do fenômeno do populismo (TARCHI, 2017) construído por diversos atores e partidos políticos que alcançaram expressivos sucessos eleitorais através da retórica agressiva e alarmista da invasão de imigrantes e da islamização da cultura italiana e europeia, do discurso xenofóbico e racista baseado na ideia da comunidade orgânica ameaçada em seus valores morais, tradições multisseculares e na enfática defesa da identidade e soberania nacional e 3) pelo fato de que a intersecção entre o racismo e o sexismo é ainda pouco debatida na Itália, sobretudo no contexto do fenômeno migratório.

A intersecção entre raça e gênero no debate sobre o fenômeno migratório

O fenômeno migratório na Itália tem sido o espaço privilegiado no qual é possível observar a intersecção entre raça, gênero e classe⁸, que se manifesta no debate público e cujas implicações atingem as mais diversas esferas da vida social, desde a estigmatização e produção de estereótipos até a discriminação jurídica, política, econômica e social, apontando para o fato de que a análise de tais convergências evidencia a impossibilidade de compreender e analisar as desigualdades presentes tanto na Itália quanto nas sociedades contemporâneas de forma isolada (BIROLI & MIGUEL, 2015, p.28). Para além da condição comum, no caso aqui analisado, o fato de se tratar de ataques e discriminações direcionadas às mulheres, é preciso considerar, como aponta Bell Hooks (2014), que as distintas identidades de raça e classe produzem diferenças qualitativas sobre a vivência comum que as mulheres partilham.

⁸ O termo “interseccionalidade” aparece pela primeira vez em um texto de K. Crenshaw, no final dos anos 1970, com o objetivo de elaborar uma crítica ao feminismo branco, de classe média, heteronormativo, que, de acordo com o feminismo negro emergente no período, desconsiderava as determinações de raça, gênero, classe e sexualidade na potencialização das múltiplas formas de opressão, apontando haver não apenas diferenças entre as mulheres, mas relações de privilégio.

No que toca a categoria “raça” e a pluralidade de definições analíticas para o termo racismo (CAMPOS, 2018), assim como para o termo “sexo” e “sexismo”, estes não serão considerados como dados naturais, mas serão compreendidos e utilizados neste artigo à luz das condições sociais concretas, com o intuito de evidenciar que a despeito do fato de a categoria raça ser “uma categoria imaginária aplicada a grupos humanos reais” (RIVERA, 2010, p.3), não possuir valor científico e, assim, ser paradoxal, por sua natureza ideológica, produz consenso e mobilização social, possuindo, portanto, “uma *performatividade* social” (idem) que condiciona a percepção sobre o *outro*. Tal crença incide sobre a realidade social, modificando-a, e, como destaca Achille Mbembe, “a raça é ademais um complexo perverso, gerador de temores e tormentos, de perturbações do pensamento e de terror, mas sobretudo de infinitos sofrimentos e, eventualmente, de catástrofes” (p.27, 2018).

O sexismo, por seu turno, compreendido como um dispositivo que mobiliza uma imagem inferiorizada das mulheres com relação aos homens, legitimando práticas discriminatórias, produziu no âmbito da cultura positivista “uma teoria orgânica da inferioridade feminina, fundada sobre a invenção de nexos psíquico-físicos” (BURGIO, 2012, p.91) análogos àqueles “construídos pelo discurso racista na invenção da ‘raça negra’” (idem), aproximando as mulheres da natureza, do mundo instintivo, da irracionalidade, no limite. Ainda que tal produção tenha sido desconstruída ao longo do tempo, seus efeitos ainda se fazem sentir de forma mais ou menos explícita e incidem diretamente sobre as representações contemporâneas acerca do papel das mulheres. Nesse sentido, o sexismo tradicional opera com um caráter análogo ao do racismo na medida em que cria o “gênero feminino” em função da “dominação masculina” (BOURDIEU, 2002).

Na Itália, as populações racializadas variam ao longo do tempo, implicando em tratamentos diferenciais, de modo que o racismo contemporâneo essencializa as diferenças sociais, culturais, religiosas, concebidas como absolutas, a-históricas, imutáveis, ao passo em que este neorracismo se vincula ainda ao sexismo, estabelecendo um sistema de desigualdades jurídicas, econômicas e sociais e uma pluralidade de estratégias de exclusão que recaem especialmente sobre as mulheres (RIVERA, 2010, p.15-16). Mas se a população racializada, na Itália, varia ao longo do tempo, podemos observar que a violência contra as mulheres também é instrumentalizada com finalidade política: ainda que agressões contra as mulheres sejam

transversais, que independam de status, classe e nacionalidade e ocorram em múltiplos espaços, o tema da violência masculina sobre as mulheres recebe grande ênfase quando os protagonistas são os homens estrangeiros, reforçando, assim, os discursos que imputam a incivilidade, a barbárie ao sujeito estrangeiro, sobretudo de origem árabe e africana, como se a violência sexista e misógina constituísse uma característica ontológica destes sujeitos. As campanhas políticas e midiáticas ignoram sistematicamente que a violência sexista na Itália é endêmica, ao passo em que o país ocupa a 84ª posição em uma lista de 128 países nos quais a violência contra a mulher alcança níveis elevados, abaixo de países como Filipinas (6º), Sri Lanka (15º) e África do Sul (20º). Contudo, a etnicização do estupro e da violência contra as mulheres de modo geral são funcionais ao racismo e são assim representados na mídia, nos discursos políticos e populares.

Raça e sexo remetem, neste contexto, à ideia de grupos naturais, reificados e transformados em coisas (COROSSACZ, 2013), funcionando sobre o mesmo mecanismo: a atribuição de um local social sobre a base de elementos que essencializam o grupo, de modo que aquilo que torna comum o racismo e o sexismo não é o fato de serem duas formas de opressão ou de violência, mas o fato de que estas formas de opressão são vistas como o êxito inevitável de uma diferença natural entre os grupos (IDEM; SARACENO, 2016, 2016a, 2017). Contudo, apesar de tal articulação, prevalece no país uma dificuldade histórica em admitir tanto a existência do racismo, que se fundamenta no mito do italiano “brava gente”, supostamente não maculado pela experiência colonial, quanto a existência do sexismo e do machismo, profundamente arraigado na sociedade italiana (RIVERA, 2010; COROSSACZ, 2013; SARACENO, 2017). Predomina o entendimento de que uma igualdade formal é suficiente para garantir uma sociedade não sexista, imputando ao *Outro* estrangeiro o lugar do mundo “incivilizado, pré-moderno”, marcado pela violência sistemática contra as mulheres, *racializando* o sexismo.

Nesse sentido, os diversos casos cotidianos de ofensas verbais, agressões físicas, discriminações e racismo, que crescem no ritmo das devastadoras crises econômicas e políticas, expressam as conexões entre os fenômenos do populismo político, da imigração em massa e do “retorno” do racismo e da misoginia na sociedade italiana. A investigação de tais fenômenos sociais através das manifestações estéticas e políticas produzidos pela Liga revela a presença de novos dispositivos de desumanização das minorias e a paralela transformação política em não-pessoa e

inimigo (DAL LAGO, 2004; BURGIO, 2001, 2012). Trata-se de um dilema que acompanha o curso da modernidade, conforme apontou o jurista italiano Antonio Cassese (2008) acerca do declínio dos direitos humanos e da difusão do nacionalismo agressivo e violento que, novamente, produz a construção social do outro que, não sendo reconhecido como humano em sua plenitude, é transformado em inimigo. Contudo, é muito importante compreendermos como a utilização política da linguagem do ódio (*hate speech*) foi capaz de promover, em um curto espaço de tempo, duas profundas transformações na realidade social: 1) a neutralização nos indivíduos e cidadãos do pudor e da vergonha que até pouco tempo coibia e impedia as manifestações verbais da discriminação, da xenofobia e do racismo e 2) a destruição da memória histórica e política construída na segunda metade do século XX que, após a revelação da violência extrema do fascismo e do nazismo, forjou os pilares dos direitos humanos fundamentais e dos direitos sociais e econômicos: o direito à identidade e à liberdade, o respeito e a dignidade existente em toda vida humana (RODOTÀ, 2012).

As agressões racistas e sexistas contra as mulheres imigrantes

As mulheres imigrantes, sobretudo aquelas de origem africana, latina e árabe, sofrem ataques constantes que evocam o repertório do passado colonial e as representações acerca dos corpos das mulheres negras. Tornou-se comum no discurso popular, por exemplo, a substituição da palavra “prostituta” pela palavra “*nigeriana*”, ao mesmo tempo em que a mídia difunde imagens com o objetivo de reforçar uma suposta “hipersexualidade” das mulheres de origem africana (ANGEL-AJANI, 2000) difundindo ainda imagens relativas a uma espécie de “super fertilidade” das mulheres estrangeiras para barrar o direito à reunificação familiar e criticar as políticas sociais que supostamente privilegiariam os filhos de migrantes em detrimento dos nativos.

Outro aspecto importante que evidencia “um formidável exemplo de racismo e sexismo institucional” (PETTENÒ, 2010, p.539) pode ser observado na ausência de referência às violências sofridas pelas mulheres migrantes nos relatórios governamentais, sobretudo aquelas que são levadas à prostituição, como demonstrado, entre outros, no *Rapporto sulla criminalità in Italia*, de 2007, elaborado pelo Ministério do Interior. O relatório desconsidera as violências sofridas pelas prostitutas de origem estrangeira, considerando apenas as violências cometidas contra as mulheres italianas, uma vez que “a grande maioria dos clientes é branca e italiana enquanto a grande

maioria das mulheres prostituídas são ‘de cor’ e imigradas, de modo que aquilo que se consoma a cada noite nas ruas italianas é um verdadeiro estupro étnico de massa”.

Na cidade de Trento, norte da Itália e fronteira com a Áustria, no mês de Maio ocorre a festa popular que celebra as ações dos Alpinos, um corpo militar montanhês de defesa das fronteiras do norte da Itália, na qual são lembradas as batalhas na Primeira Guerra Mundial. No curso das festividades ocorridas em maio de 2018, diversas mulheres sofreram desrespeitos, abusos, violências físicas, agressões verbais, tentativas de estupro. Em Trento, estes casos possuem um elemento extremamente importante, relatado por mulheres que estavam trabalhando nas cantinas e hospedagens como garçonetes e camareiras. Na página do Facebook "Nem uma a menos Trento", diversas jovens relataram que sofreram violências físicas e verbais, dentre elas, uma jovem garçonete morena que testemunhou e sofreu as seguintes agressões no bar em que trabalhava: "estes negros de merda", "não sou racista, mas...", "que voltem todos para suas casas", "mataria todos", "tire as tetas para fora", "bela gostosa venha aqui", "que bela morena, faça-me uma chupeta", "não quero ser servido por uma marroquina" e sintetizou as agressões dizendo: "Me senti injustamente violentada e impotente, violentada pelos olhares, pelos comentários sexistas, pelas apalpadinhas, pela exotização do meu corpo transformado em objeto sexual, que desperta odores de violência e nostalgias coloniais" (MICROMEGA, 2018).

É importante observar, como sustenta Nicoletta Poidimani, que “os velhos e experimentados dispositivos racistas e desumanizantes que se formaram justamente nos cinquenta anos da experiência colonial na África são reativados hoje sobre a pele de mulheres e homens migrantes, em nome da segurança” (2009, p.09). Enquanto no período colonial a posse do corpo das mulheres negras coincidia com a conquista colonial este fato servia também como um instrumento eficaz de recrutamento das tropas. Mas se às mulheres negras cabia a exploração sexual, às mulheres brancas, italianas, era reservado o papel de proteção do sangue, de modo que ao proclamar, em 1936, o Império Italiano da África Oriental, Mussolini consolida o racismo de Estado ao sancionar dispositivos jurídicos que demarcavam claramente a distância entre os cidadãos e os súditos, cabendo às mulheres italianas a defesa do patrimônio genético da raça, sob o risco de serem rebaixadas a súditas no caso de envolvimento com os colonos. Estes dispositivos jurídicos que pressupunham a não-mistura buscavam também expropriar as mulheres do controle sobre sua própria fecundidade, sendo consolidados na defesa do *ius sanguinis* (POIDIMANI, 2013). Da hipersexualização e

das representações das mulheres negras como metáfora de um corpo-território a ser dominado, se passa paulatinamente à criminalização das relações mistas e à animalização das mulheres africanas.

Assim, a referência ao passado a partir de um olhar para o presente permite compreender como o papel atribuído a mulheres nativas e estrangeiras durante o período colonial e o império fascista ainda ecoa nas relações sociais no país, uma vez que a mentalidade racista e patriarcal contribuiu para uma espécie de regime de segregação racial que não se restringe ao passado, uma vez que “quando não possuem os documentos em ordem, as mulheres imigrantes são corpos estranhos, invisíveis, fora das normas, sobre as quais o macho italiano reivindica o poder de abusar e que, uma vez explorada, devem ser expulsas ou confinadas” (SABELLI, 2012).

A racialização do sexismo

Na cidade alemã de Colônia, na passagem do ano de 2015, diversas mulheres sofreram desrespeitos, abusos, violências físicas, agressões verbais, tentativas de estupro, que, no dia seguinte, foram imputados aos imigrantes e refugiados presentes na Alemanha de Angela Merkel. A imediata culpabilidade atribuída aos estrangeiros pelos jornais alemães e europeus, que estampavam notícias alarmistas e apocalípticas, gerou diversos protestos de repúdio ao ingresso de imigrantes oriundos de culturas que são vistas como não respeitadoras das liberdades das mulheres e da igualdade de gênero. O movimento social PEGIDA e o partido *Alternative für Deutschland* promoveram diversas manifestações públicas nas quais reafirmavam os nexos entre a imigração e a insegurança, um tema que levou o partido político ao Parlamento Alemão em 2018. O ponto mais significativo ocorreu nos slogans das passeatas anti-imigração, nas quais eram destacadas as seguintes palavras de ordem: "defendamos as nossas mulheres" e, em alguns casos, evocavam o “estupro da Europa”, como é possível observar na capa da revista polonesa abaixo, exibida logo após os eventos de Colônia.



O uso do pronome possessivo é extremamente revelador da fortíssima mentalidade machista, patriarcal e patrimonial, que se sente ameaçada pela presença de outros homens. Como afirmou a socióloga italiana Chiara Saraceno (2016), os movimentos anti-imigração e anti-islamismo e os partidos da nova direita, "são poucos ou nada sensíveis às moléstias e agressões que as mulheres europeias e

ocidentais sofrem em seus próprios países (uma sobre três, segundo os últimos dados de Eurostat)", mas levantam suas vozes quando tais agressões são cometidas por estrangeiros.

Ainda que o caso alemão tenha gerado comoção ao nível mundial, imagens similares tem sido publicizadas na Itália, evocando o passado fascista, como podemos observar nas imagens abaixo:



<http://www.liberoquotidiano.it/news/italia/13227508/forza-nuova-manifesto-stupri-fascismo-razzismo-repubblica-sociale-italiana.html>

A primeira imagem é uma adaptação de um cartaz produzido durante o fascismo, baseado numa iconografia habitual dos colonos, hoje representados pela figura do imigrante. Se a mulher estrangeira aparece como aquela disponível aos nativos, os homens estrangeiros, por sua vez, representam os corpos ofensivos, que trazem risco às mulheres da nação, reforçando a ideia de que as mulheres precisam ser protegidas, uma vez que seriam mais frágeis. A permanente ameaça ao corpo da mulher branca é utilizada tanto para legitimar o racismo contra os imigrantes quanto a própria ideia do risco evoca elementos importantes do fascismo e de discursos racistas de matriz colonial, como a necessidade de proteção da raça, estabelecida juridicamente durante o governo Mussolini e a atribuição aos corpos negros de uma força instintiva que os impediria de conter as pulsões sexuais, de modo que o problema da violência sexual converte-se em um problema da segurança do território.

A Liga e os casos Cécile Kyenge e Laura Boldrini

Tullio de Mauro, o famoso linguista italiano do século XX, no relatório intitulado *Palavras para ferir*, solicitado por Laura Boldrini na Comissão “Jo Cox” sobre a intolerância, a xenofobia, o racismo e os fenômenos de ódio⁹, elencou a imensa variedade de palavras de ódio (*hate speech*) disseminadas na cultura italiana

⁹ Trata-se da primeira comissão realizada na União Europeia após o brutal assassinato da Deputada britânica Jo Cox em 16/06/2016 por um britânico devido às posturas a favor da imigração e dos direitos humanos fundamentais.

contemporânea e dirigidas para as pessoas, grupos e classes identificados como ameaçadores, inferiores e perigosos. Muitas das palavras elencadas por De Mauro compõem a linguagem política da Liga desde a sua fundação até o recente sucesso eleitoral. Para o linguista Giuseppe Antonelli, a “vulgar eloquência” da linguagem política contemporânea comporta estereótipos negativos, insultos e desprezos que “de Bossi a Salvini, de Berlusconi a Grillo, é sempre mais presente e frequente o uso da palavra obscena” que “não somente foi inflacionada, mas está quase institucionalizada” (ANTONELLI, 2017, p.77). A força das palavras obscenas e vulgares do discurso político populista atinge as emoções, os sentimentos, as pulsões profundas dos indivíduos, ao mesmo tempo, que mobiliza a percepção e o intelecto dos cidadãos em direção dos inimigos internos e externos apontados como culpados pelas crises que assolam a sociedade italiana.

No curso das graves crises econômicas, políticas e culturais que a Itália atravessava após 2008 e 2010, que resultaram na destituição de Berlusconi do cargo de premiê, os governos ocupados por atores técnicos e políticos promoveram diversas reformas, dentre elas, no governo de Enrico Letta (de abril de 2013 a fevereiro de 2014) a nomeação de Cécile Kyenge para ocupar a pasta do Ministério do Integração. O governo Letta buscava promover duas mensagens políticas em meio aos gravíssimos acontecimentos diários de imigrantes afogados no Mar Mediterrâneo, desembarque contínuo de novos imigrantes, acirramento da xenofobia, do racismo e do sexismo: a nomeação de uma mulher e de uma mulher de cor de pele negra. A nomeação de Kyenge foi alvo imediato de manifestações preconceituosas e racistas por membros da Lega Norte, seja na forma de comentários nas postagens em seus sites, seja na forma de charges e pôsteres usados imediatamente como propaganda política.

Um pôster em especial merece à atenção pela construção semântica e simbólica que, utilizando a expressão “Se isto é um ministro...”, modifica o título de um dos livros de testemunho dos horrores do nazismo escrito pelo sobrevivente de Auschwitz Primo Levi *Se questo è un'uomo*. A utilização do título do livro que narrava os processos de desumanização sofridos pelos judeus, comunistas, eslavos, ciganos, homossexuais, dissidentes políticos expressa duas importantes manifestações políticas dos partidos da nova direita que compõem a extensa família do populismo contemporâneo: a destruição do passado e a neutralização do fascismo e do nazismo pelo revisionismo e pela relativização. O título do cartaz também visava expor ao vexame a Ministra que supostamente seria conivente com a clandestinidade, outra palavra que é neutralizada

historicamente (os seres humanos que tiveram que viver na clandestinidade para sobreviver às leis raciais e à solução final do nazismo) e transformada pela semântica populista na figura do imigrante “ilegal”, que se esconde para poder agir de forma delinquente, perigosa, ameaçadora no cotidiano das cidades italianas. A criminalização da condição de imigrante sem documentos, sempre mais distante da possibilidade de conseguir obter o direito de asilo e o acesso à cidadania pelas sucessivas leis italianas, gerou a condição de clandestinidade que afeta a vida de milhares de pessoas na Europa desde a década de 1990. O cartaz visa atingir “os instintos e as pulsões primárias” (ANTONELLI, 2017, p.8) dos italianos e produzir uma mentalidade sempre mais avessa às figuras dos imigrantes e dos políticos que defendem seus direitos.



A palavra de ordem “A clandestinidade é um crime!” foi e é um dos slogans repetidos permanentemente pelas lideranças políticas da Liga. Para Antonelli (2017), a linguagem política do populismo é caracterizada pelos seguintes elementos: a agressividade linguística que impossibilita o diálogo entre os grupos sociais; o aumento da distância entre as palavras e os fatos; a proliferação das frases feitas e breves, os slogans de alto impacto emotivo; o abuso do uso de palavras de uma ou duas sílabas, as promessas fabulosas de retorno à vida e ao status perdidos, o desrespeito e desprezo das outras forças políticas e pela agressividade e violência verbal, a discriminação e construção da figura do inimigo. A substituição do argumento e da ideia pela emoção produz uma língua política grosseira, simplista e agressiva que paralisa o debate político e promove o processo *de-democratização* da sociedade (BROWN, 2015). Nesse contexto, o ponto extremo da linguagem política xenofóbica, racista e misógina ocorreu em 13/07/2013 quando o Senador Roberto Calderoli, um dos políticos mais expressivos da Liga, em uma festa partidária, afirmou que “quando vejo Kyenge penso em um orangotango” (La Repubblica, 2013). A imediata repercussão da frase e os inúmeros protestos das forças sociais e políticas resultaram no pedido de desculpas à Ministra que, não obstante, protocolou a queixa de falta de decoro do Senador, cujo processo resultou na não cassação pelos senadores italianos pelo argumento de que a frase não fora pronunciada no Senado e sua opinião não está vinculada com sua função de senador. A negligência e conivência política em absolver Calderoli em 2015 não é pior do que a justificativa do Senador em 2013: tratava-se de uma “piada”, como aquela que as pessoas dizem no bar,

nos encontros de família. Lynda Dematteo (2007) em seu estudo acerca da Liga intitulado *L'idiote en politique. Subversion et néo-populisme en Italie* demonstra que o artifício dos atores políticos do partido em pronunciar ofensas, grosserias, vulgaridades, frases racistas e, posteriormente, afirmar que se tratava de uma mera piada, foi amplamente utilizado para subverter os códigos de conduta e moralidade da política tradicional e para promover ofensas à determinados atores políticos que rendiam amplos dividendos políticos nos eleitores conservadores. O uso da linguagem obscena e vulgar das piadas serve para efetuar a identificação plena e imediata entre o líder político e os indivíduos e cidadãos: falam e pensam da mesma forma, utilizando as mesmas palavras que a pessoa comum diz no "bar, no armazém, na barbearia, no círculo esportivo, no estádio, na praça, onde no domingo senta para conversar com os amigos" (TARCHI, 2017, p.251).

Cécile Kyenge foi e continua sendo utilizada pelos políticos da Liga como alvo de agressões e vulgaridades, violências verbais e ameaças físicas. Simboliza o corpo que ameaça o machismo em seus principais espaços tradicionalmente exclusivos de prestígio e poder: a profissão e a política. A visibilidade que alcançou como Ministra de duas pastas, deputada e eurodeputada, gerou a reação violenta da Liga e a reprodução das palavras de Calderoli nas postagens de diversos simpatizantes que continuam chamando-a de orangotango, prostituta e lançam bananas em suas manifestações públicas (MENGISTE, 2013; URBINATI, 2013).

A atuação de Laura Boldrini como Alta Comissária para os Refugiados da Organização das Nações Unidas entre 1998 e 2012, quando proferiu diversas críticas e acusações à Itália governada por Berlusconi e pela Liga também fez com que fosse alvo de densas manifestações agressivas promovidas sobretudo por atores políticos do partido, especialmente por Matteo Salvini. Boldrini representa a luta que envolve o domínio e a hegemonia masculina sobre o corpo e a vida das mulheres, e assim tem sido o alvo preferencial das *fake News* produzidas e divulgadas pela Liga e seus apoiadores. Uma das manifestações mais extremas de Salvini acerca da figura pública e do papel profissional e político de Laura Boldrini ocorreu em um comício da Liga Norte em julho de 2016 na cidade de Soncino quando, chamando a atenção do público, afirmou: "há uma sócia de Boldrini aqui" (La Repubblica, 2016) e um correligionário levantou uma boneca inflável utilizável para fins sexuais. A manifestação de Salvini contém uma evidente conexão entre o machismo, o sexismo e a misoginia, bem como, e de um modo mais profundo, do embate entre os homens e as mulheres. Trata-se do mesmo

mecanismo político utilizado por Calderoli na identificação de Kyenge ao orangotango: a utilização da piada, do escárnio e da palavra de ódio como forças semânticas que negam a política baseada em argumentos e ideias, a construção de discursos eruditos e afirma uma nova forma de manifestação estética da política: a linguagem simples e direta que não tem receio e medo de chamar “pelo nome e sobrenome os inimigos” e para eles “endereçar os humores polêmicos” (TARCHI, 2017, p.149). A boneca inflável representa Laura Boldrini como uma prostituta, uma palavra recorrente nas respostas dos seguidores do Twitter de Matteo Salvini, quando o líder faz profundas críticas às suas ações, ideias e posicionamentos políticos vinculados à imigração, aos direitos humanos fundamentais, aos direitos sociais e econômicos.

Para o líder da Liga, Laura Boldrini representa a defensora dos imigrantes e a traidora dos italianos, aquela que pretende promover a negação das tradições culturais e da identidade italiana e substituí-las por valores e tradições dos imigrantes africanos. As afirmações dicotômicas e maniqueístas de Salvini são frequentemente repetidas pelos seguidores do Twitter, como, por exemplo, na resposta à seguinte postagem de Salvini:

“Não é “imigração”: é INVASÃO, é ocupação militar, econômica, cultural e demográfica. E os cúmplices desta tentativa de SUBSTITUIÇÃO ÉTNICA, quando eu estarei no governo, serão processados e pagarão, com o próprio bolso. Boldrini irá me denunciar? Que se dane! #stopinvasão.” (Twitter Salvini, Julho de 2017)

Nos comentários dos seguidores podemos observar como a linguagem política construídas através de estereótipos negativos, obscena e vulgar, agressiva e hostil, está profundamente vinculada com a opinião manifesta pelos cidadãos-seguidores:

- Virginia @Virgini87207398 in resposta a @matteosalvinimi: Temos que nos libertar dessa possuída pelo demônio;

- MbBgt65 luigi @MBgt65 in resposta a @matteosalvinimi: Ela será uma puta por toda a vida;

- *Cocci-nella* @Cocci1309 in resposta a @matteosalvinimi: Matteo força contra esta prostituta que representa 3% dos italianos!!!

- Virginia @Virgini87207398 in resposta a @matteosalvinimi: “DEVE SER ELIMINADA”;

- Francesco Bartolomei @frances_bart) in resposta a @matteosalvinimi: “denuncia a jornalista comunista Boldrini que em um país normal já teria acabado na prisão ou em um instituto psiquiátrico;

- Alessandro Tamanini @AlessandroTama4 in resposta a @matteosalvinimi: “Boldrini que se foda!”.

O não reconhecimento de Matteo Salvini da ação profissional e política de Boldrini abrange as mais diversas esferas. Para Salvini, Laura Boldrini representa “a pior presidente da Câmara da história” e é “racista com os italianos”. As posições políticas no combate à política do medo e do alarmismo, da xenofobia e do racismo contido na Liga e em outros movimentos e partidos da nova direita e, sobretudo, a defesa dos direitos humanos fundamentais dos imigrantes, da política de acolhimento digna e respeitosa, da aplicação dos direitos sociais e econômicos aos imigrantes que obtiveram a cidadania e a defesa do direito ao *jus solis* como Presidente da Câmara dos Deputados foram alvos não apenas de duras críticas de Salvini em suas postagens no Twitter e Facebook, como produziram muitas ameaças à sua vida e de seus familiares que foram e são ainda hoje dirigidas por simpatizantes da Liga.

Conclusão

A força semântica e simbólica contida na linguagem e no discurso político populista não apenas capta com crescente sucesso a atenção dos cidadãos expostos à vulnerabilidade e à incerteza, ao medo pela queda do nível de vida e às transformações do modo de vida (REYNIÉ, 2013), mas produz a construção social dos novos mecanismos de desumanização e discriminação. No início do século XXI, os slogans e as imagens políticas promovem novos processos sociais de negação da existência humana nos grupos e classes subalternos e minoritários. A linguagem vulgar e agressiva ativa energias pulsionais e estimula a ação verbal e física de desrespeito e vexame tanto para pessoas que não são reconhecidas como plenamente humanas e identificadas como ameaçadoras e perigosas à ordem da comunidade nacional orgânica e homogênea. A presença do outro – a mulher livre, a imigrante, o imigrante, o homossexual, o bissexual, o transexual – incomoda profundamente a figura do homem branco e dos seus tradicionais privilégios e papéis em todos os espaços sociais.

Não estamos apenas presenciando uma radical passagem de época em direção àquilo que não é ainda, como afirmava o sociólogo alemão Ulrich Beck em suas análises da modernidade radicalizada, mas também estamos testemunhando a articulação de forças sociais e políticas que promovem uma ampla negação das conquistas sociais criadas com liberdade e justiça social da democracia moderna e do Estado Social. Na avançada contrarrevolução em curso na Europa e no mundo, a Itália representa um dos países no qual os fenômenos morbidos da época do *interregno* – o termo usado por Gramsci para expor a dura passagem de época quando as forças velhas

estão em processo de morte e as novas forças não conseguem atingir a hegemonia – são sempre mais cotidianos: o aumento da violência contra a mulher na casa e nos espaços públicos e profissionais, a disseminação do discurso e do crime de ódio contra as mulheres e homens imigrantes, a proliferação da linguagem política obscena e cínica, a difusão do racismo, da xenofobia e da misoginia nas redes sociais.

No curso da modernidade, os avanços e as conquistas alcançadas pelos grupos e classe sociais subalternos tendem a sofrer um processo político de reação e de emancipação, promovido pelas forças sociais que desejam manter ou aumentar o acúmulo de privilégios, direitos, bens e poder. De fato, “nem toda noite termina na aurora”, como buscava apontar dialeticamente Stanislaw Jeryz Lec a força da noite em promover a eliminação da existência de novas formas de identidade e relacionamentos, valores e ideias, organizações e instituições na nova ordem mundial.

Referências Bibliográficas

a) Livros:

ANTONELLI, G. *Volgare eloquenza. Come le parole hanno paralizzato la politica*. Roma: Laterza, 2017.

BASSO, P. (org.) *Racismo di stato. Stati Uniti, Europa. Italia*. Milano: Franco Angeli, 2011

BECK, U. e BECK-GERNSCHEIM, E. *Individualization. Institutionalized Individualism and its Social and Political Consequence*. London: Sage, 2001.

BOURDIEU, P. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BURGIO, A. *La guerra delle razze*. Roma: Manifestilibri, 2001.

_____. *Il razzismo*. Roma: Ediesse, 2012.

BROWN, W. *Undoing the Demos. Neoliberalism's Stealth Revolution*. New York: Zone Books, 2015.

CASSESE, A. *I diritti umani oggi*. Roma: Editori Laterza, 2005.

DAL LAGO, A. *Non-persone. L'esclusione dei migranti in una società globale*. Milano: Feltrinelli, 2004.

_____. *Populismo digitale. La crisi, la rete e la nuova destra*. Milano: Raffaello Cortina Editore, 2017.

DAVIS, A. *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2016

V SIMPÓSIO GÊNERO E POLÍTICAS PÚBLICAS
Universidade Estadual de Londrina
13 a 15 de junho de 2018
ISSN 2177-8248

FERRAJOLI, L.. *Poteri selvaggi. La crisi della democrazia italiana*. Roma: Laterza, 2011.

HOCHSCHILD, A. R. *Strangers in their own Land. Anger and Mourning on the American Right*. New York: The New Press, 2016.

HOOKS, B. *Feminist theory: from margin to center*. London: Routledge, 2014.

ILLOUZ, E. “Le populisme émotionnel menace la démocratie”. In *Le Monde*, 25/07/2017.

LEC, S. J. *Pensieri spettinati*. Milano: Bompiani, 1998.

MBEMBE, A. *Crítica da razão negra*. São Paulo: n-1 edições, 2018.

POIDIMANI, N. *Difendere la “razza”. Identità razziale e politiche sessuali nel progetto imperiale di Mussolini*. Sensibili alle foglie, Roma: 2009.

REYNIÉ, D. *Les nouveaux populismes*. Paris: Fayard, 2013.

RIVERA, A. *La bela, la bestia, l’umano. Sessismo e razzismo senza escludere lo specismo*. Roma: Ediesse Editore, 2010.

_____. *Regole e roghi. Metamorfosi del razzismo*. Bari: Dedalo, 2009.

RODOTÀ, S. *Il diritto di avere diritti*. Roma: Laterza, 2012.

SALMON, Ch. *Storytelling. La machine à fabriquer des histoires et à formater les esprits*. Paris: La Découverte, 2008.

SARACENO, Ch. *Coppie e famiglie. Non è questione di natura*. Feltrinelli, 2016a.

b) Artigos em coletâneas:

PETTENÒ, M. Sulla violenza contro le immigrate e gli immigrati. In: BASSO, P. (org.) *Racismo di stato. Stati Uniti, Europa, Italia*. Milano: Franco Angeli, 2011

c) Artigos em periódicos:

ANGEL-AJANI, A. Italy’s racial cauldron. Immigration, criminalization and the cultural politics of race. *Cultural dynamics*, vol.12, 2000.

BIROLI, F; MIGUEL, L. F. Gênero, raça, classe: opressões cruzadas e convergências na reprodução das desigualdades. *Mediações*, Londrina, v. 20 n. 2, p. 27-55, jul./dez. 2015.

CAMPOS, L.A. Racismo em três dimensões. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol.32, n°95, 2017.

COROSSACZ, V. L'intersezione di razzismo e sessismo. Strumenti teorici per un'analisi della violenza maschile contro le donne nel discorso pubblico sulle migrazioni. *Rivista Antropologia*, vol.15, 2013.

DE MAURO, T. "Parole per ferire". In Commissione "Jo Cox" sull'intolleranza, la xenofobia, il razzismo e i fenomeni di odio. *Camara dei Deputati*, 2017.

FERRAJOLI, L. "La criminalizzazione degli immigrati. Nota a margine della legge n.94/2009". In *Questione Giustizia*, Franco Angeli: Roma, n.5, 2009.

POIDIMANI, N. Ius sanguinis. Una prospettiva di genere sulla costruzione dell'"italianità" tra colonie e madrepatria. Seminario Sisso *Colonialismo e identità nazionale. L'oltremare tra fascismo e repubblica*, Cagliari 25-27, settembre 2013.

SABELLI, S. Sessualità, razza, classe e migrazioni nella costruzione dell'italianità. Mimesis, percorsi di confine. Vol. *Percorsi di genere letteratura, filosofia, studi postcoloniali n. 5. 2012* – mimesis edizione.

d) Páginas da Internet:

SARACENO, Ch. "La libertà delle donne". In *La Repubblica*, 08/01/2016. Disponível em: < <http://ricerca.repubblica.it/repubblica/archivio/repubblica/2016/01/08/la-liberta-delle-donne30.html>>. Acessado em 12 de abril de 2018.

_____. "Il maschilismo ormai è sdoganato". In *La Repubblica*, 20/07/2017. Disponível em: <<http://espresso.repubblica.it/attualita/2017/07/17/news/chiara-saraceno-il-maschilismo-ormai-e-sdoganato-1.306329>>. Acessado em: 10 de maio de 2018.

MICROMEGA. Molestie e sessismo, se la "festa" degli alpini diventa un incubo per le donne. Disponível em < <http://temi.repubblica.it/micromega-online/molestie-e-sessismo-se-la-%E2%80%9Cfesta%E2%80%9D-degli-alpini-diventa-un-incubo-per-le-donne/>>. Acessado em 10 de maio de 2018.

Sítios eletrônico acessados e analisados:

Twitter Matteo Salvini :twitter.com/matteosalvini

Site oficial da Liga :<http://www.leganord.org/>